

## LA FAVELA D'UN SIÈCLE À L'AUTRE: MYTHES D'ORIGINE, DISCOURS SCIENTIFIQUES ET REPRÉSENTATIONS VIRTUELLES<sup>1</sup>

Licia Valladares

Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris, 2006

Michel Marié<sup>2</sup>

(tradução de Margareth da Silva Pereira, professora do PROURB/UFRJ)

Tendo trabalhado como urbanista primeiramente nos *bidonvilles* de Argel, na Argélia, e mais tarde em Valencia, na Venezuela, e em Santiago do Chile, foi com muito interesse que tomei contato com os primeiros livros de Licia Valladares sobre as favelas do Rio. Neles reencontrava idéias que eu havia tentado desenvolver naqueles países à época e que, por outro lado, compartilhava com John Turner.<sup>3</sup> Ou seja, como considerar a favela não como um “mal” a ser erradicado,<sup>4</sup> mas, ao contrário, a partir de um ponto de vista pragmático, como um fato incontornável no plano tanto da reflexão quanto da ação?

**1** (N.T.) *La favela d'un siècle à l'autre* retoma temas tratados por Licia Valladares em *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com* (FGV, 2005), aprofundando-os, corrigindo-os e lhes dando novo tratamento.

**2** Nascido em 1931, Michel Marié tem formação nas áreas de sociologia e filosofia, e em sua vida profissional, conheceu um longo período de migrações – primeiro na Argélia e, mais tarde, na Venezuela e no Chile – trabalhando como urbanista. De volta à França em 1968, escreveu seu primeiro livro como sociólogo observando a cena francesa da época com olhos da periferia, enfocando a questão dos imigrantes (*Situations migratoires, ou la fonction-miroir*. Ed. Gallilée, 1976). A partir de então, torna-se igualmente diretor de pesquisas do CNRS e seguem-se, entre outros: *La campagne inventée* (com Jean Viard), Actes Sud, 1977; *Les terres et les mots. Une traversée des sciences humaines*, Méridiens-Klincksieck, 1989; *Les paradoxes de la recherche-action ou le savoir nomade*, em *Mutations économiques et Urbanisation, La Documentation Française*, dez. 1993; *La guerre, la colonie, la ville et les sciences sociales*, em *Sociologie du Travail*, 1º trim. 1995; *Aménager ou ménager le territoire?*, em *Annales des Ponts et Chaussées*, jan. 1996; *Ces réseaux qui nous gouvernent* (com Michel Gariépy), Ed. l'Harmattan, 1997; *Las huellas hidráulicas en el territorio, la experiencia francesa*, conferências no Colegio de San Luis Potosi editadas em junho de 2004. Recentemente foi convidado da revista *Urbanisme* para comentar sua longa e rica trajetória no n. 340, jan-fev, 2005.

**3** Turner havia me entrevistado longamente em 1964, e foi muito citado em *La favela d'un siècle à l'autre*.

**4** Desajolando, por exemplo, os moradores para os novos conjuntos habitacionais produzidos industrialmente nas periferias das cidades, na Argélia do final dos anos 1950, em plena guerra, quando foram inventadas as ZUP – Zonas de Urbanização Prioritárias.

De fato, nos anos 1960 estive envolvido muito diretamente com a experiência de “communities development”, conduzidas pela Fundação Ford e pelo padre jesuíta Vekemans nos bairros de emigrantes vindos da zona rural que maciçamente se dirigiam a Santiago.<sup>5</sup> Licia, já naquela época e nos seus primeiros livros, tomava suas distâncias em relação à teoria da marginalidade e à cultura da pobreza. Anos mais tarde, entrevistado por ela sobre o movimento *Economie et Humanisme*<sup>6</sup> (no qual eu tomara parte quando das minhas andanças na América Latina) e sobre seu fundador, o frei dominicano Lebret, eu descobriria outro aspecto de sua démarche, a saber, seu interesse pela maneira como se constroem as idéias, as condições sociais, econômicas e culturais de sua produção.

Como Licia Valladares sublinha desde o início desta sua nova obra, o saber sobre a miséria e a pobreza, seja na Europa ou no Brasil, não se origina no campo erudito. Enquanto se acredita, a partir de uma visão bastante disseminada da intervenção urbanística, que o saber se transmite das quatro paredes dos intelectuais e dos especialistas para o mundo dos que “colocam a mão na massa” e, por fim, para o mundo dos seus habitantes, na abordagem que ela propõe, o saber se constrói na negociação de uma relação, a partir de uma “antropologia recíproca” entre moradores, pesquisadores, técnicos e poderes públicos. Como dizia o psicólogo Winnicott, a produção do saber é um fenômeno de natureza essencialmente *transicional* e *transacional*. Nestas condições, o saber não é uma espécie de objeto que se manipula com pinças, como em um laboratório, mas uma interação, um engajamento no sentido político do termo e no qual o pesquisador encontra-se profundamente implicado.

Assim, o que descubro como original e inovador, lendo esta obra, é o quanto as duas abordagens – ação e reflexão – devem ser concomitantes: por um lado, o trabalho com as favelas e seus habitantes implicando no retorno permanente ao “campo” e, por

**5** A “promoção popular” implantada à época do Presidente Frei; organismo criado no seio do Ministério dos Assuntos Sociais, apoiado por subsídios da Fundação Ford e de instituições de caridade européias (Misereor, Caritas). A estratégia à época era essencial. Dela dependia em grande parte que se tivesse um presidente democrata-cristão (Frei) ou um presidente socialista (Allende).

**6** Eu era à época responsável por uma equipe franco-venezuelana que trabalhava no planejamento de uma região urbana em vias de industrialização (Valência), onde cerca de 60% dos habitantes viviam em favelas. Esta equipe (a CINAM) era um braço da *Economie et Humanisme*.

outro lado, o trabalho sobre as representações daqueles que falam dela, a favela (“da sociologia da favela à sócio-história de seus pensadores”), implicando em um vai-e-vem permanente entre o “campo”, os discursos e os arquivos.

A favela é uma “invenção” não somente daqueles que a vivem, mas também daqueles que falam dela. “Ela é o resultado mais ou menos acumulativo de representações sociais sucessivas, fabricadas pelos atores sociais que por ela se interessaram, e é constantemente marcada pelas estratégias de sua própria definição enquanto tal.” E o mérito deste livro, como sublinha Yves Grafmeyer no seu prefácio, é o de ter sabido passar do registro já impressionante dos saberes sobre as favelas para o da produção e das condições de produção destes saberes. O pesquisador é convidado, assim, não apenas a produzir um resumo dos diferentes saberes sobre a questão da qual ele trata, mas a dizer, ao mesmo tempo, como se formaram os olhares que a compõem. E aqui, certamente, deve ser levado em consideração o olhar dos atores públicos, dos políticos, das associações, das ONGs e dos promotores imobiliários, mas também o dos próprios intelectuais – e, ainda, como estes diferentes olhares se influenciaram uns aos outros. Eis aqui, a meu ver, a originalidade de um livro cujo mérito não é apenas o de nos dar uma visão sintética do que se pode dizer, há mais de um século, sobre a favela, mas de tomar suas distâncias do olhar dos eruditos de hoje, grupo do qual nós mesmos fazemos parte. Certamente, não é por acaso que a autora se coloca em cena desde as primeiras páginas deste livro, nos mostrando seu itinerário, as razões pelas quais a favela se tornou seu terreno de estudos e, finalmente, o lugar de onde fala.

Organizado em bases cronológicas, *La favela d'un siècle à l'autre* é um livro composto por três capítulos que correspondem a três grandes etapas da invenção da favela, nos quais são analisados fatos, acontecimentos, e ao mesmo tempo, em que ponto a autora se empenha em mostrar o quanto a construção dos sentidos atribuídos a fatos e acontecimentos dependem tanto das narrativas sobre eles quanto da própria referência histórica.

Em um primeiro capítulo (do início do século XX até os anos 1950), Licia Valladares nos mostra como nasce a própria idéia de favela como comunidade de miseráveis, depois como território da pobreza e, por-

tanto, como fenômeno à parte na cidade.<sup>7</sup> À medida que novos discursos são engendrados (aquele, por exemplo, do urbanista francês Agache, do médico brasileiro V. T. de Moura, da equipe do ditador Getúlio Vargas, de Passos Guimarães, diretor do censo geral do Brasil em 1950, e aquele ligado ao surgimento de um novo ator, nos anos 1940, a assistente social), Licia mostra como se implantam certos meios de intervenção – a favela como problema a administrar e controlar – e, por outro lado, como se desenvolvem certos saberes – o início da produção oficial de dados, o balbuciar metodológico sobre o que seria uma favela e o que a caracterizaria –, conduzindo, no sentido tanto de uma visão radical (podendo levar até à decisão de erradicação) quanto, ao contrário, de uma visão muito mais diversificada e com nuances, na qual a favela cessa de ser fenômeno à parte na cidade e passa a se impor como realidade a ser “arrumada”.

No segundo capítulo do livro (entre mais ou menos 1950 e 1970), Licia Valladares mostra como, por meio de todo tipo de influência entrecruzada (Dom Helder Câmara, o padre dominicano Lebret, e a Escola de Chicago, por meio do antropólogo Anthony Leeds e de seus estudantes do *Peace Corps*), se constitui um verdadeiro campo de pesquisa sobre as favelas do Rio de Janeiro. Escreve a autora: “Os trabalhos deste período são, certamente, ainda muito ligados às preocupações de políticas públicas, mas adquirem uma autonomia nova pela construção intelectual de seu objeto e pelo desenvolvimento de métodos de investigação específicos”.

Por fim, no terceiro capítulo intitulado “A favela das ciências sociais”, a autora se refere ao momento atual, tratando, primeiramente, da escolha da favela como um dos temas favoritos dos mestrandos e doutorandos em ciências humanas no Brasil, e das múltiplas razões desta escolha. Aqui, a favela aparece ora como objeto de interesse em si mesmo (o fascínio da monografia, mas, ao mesmo tempo, a pouca disposição no meio universitário pelo comparatismo), ora como analisador de questões mais gerais (a favela transformada em “campo”).

Após analisar as tentativas de conceituação que estas diferentes teses originaram, seja em torno das

<sup>7</sup> Idéia desenvolvida à época por jornalistas, escritores, engenheiros, médicos, advogados, filantropos, um mundo profissional bastante semelhante ao que encontramos na França em um movimento chamado Musée Social.

idéias de pobreza urbana ou de marginalidade social (Vekemans, Oscar Lewis) ou de temas marxizantes como o de “exército de reserva” e de “superpopulação relativa” (Jose Nun), seja, ainda, em torno das tomadas de posição sobre o “habitat espontâneo” (John Turner, “da favela como problema à favela como solução”), Licia Valladares retoma e desenvolve a idéia proposta no início do livro: a maioria das contribuições universitárias permaneceria tributária das representações do início do século XX e, abstraindo do que poderia trazer de melhor o desenvolvimento histórico da pesquisa, elas se fixam com frequência em estereótipos que aparecem como dogmas e se reproduzem a cada geração, sem levar muito em conta os saberes, sua evolução ou as transformações das cidades e de suas favelas. Como explicar, então, a resistência destes dogmas tanto na mídia quanto no interior dos poderes públicos, junto aos responsáveis políticos, aos promotores, às associações, às ONGs? E como fica o campo científico nisso tudo? Por que os cientistas sociais não são os primeiros a apontar estas visões redutoras? Talvez se pudesse dizer a respeito dos pesquisadores brasileiros o que Michel Amiot, falando da sociologia urbana francesa nos anos 1990, dizia dos seus pesquisadores: “Os sociólogos contra o Estado. Tudo contra!”

Gostaria, agora, de um modo um pouco mais pessoal discorrer sobre em que aspectos este livro me tocou profundamente e buscar o porquê. Ainda que não tenha vivido no Brasil, uma das causas é provavelmente o fato de ter estado presente na América Latina essencialmente durante uma grande parte do segundo capítulo (a transição rumo às ciências sociais) e ter conhecido, e até mesmo freqüentado, alguns dos personagens cuja importância o livro sublinha: o padre Lebre, John Turner, o padre Vekemans e Ramon Venegas, Jose Nun, alguns estudantes do Peace Corps, entre outros.

Entretanto, há também uma outra razão que me foi sugerida por Y. Grafmeyer ao sublinhar o quanto a forma de abordar a questão da favela nesta obra é de fácil transposição a outros campos de estudo e a outros contextos de exercício das ciências sociais. Para tanto, partirei de um dos aspectos essenciais da abordagem de Licia Valladares, sua preocupação permanente sobre a discussão metodológica. Podemos entender aqui todo interesse que ela demonstra pelo processo de construção e de desconstrução das categoriais mentais, pela

formação do olhar, não somente dos numerosos atores que ela coloca em cena, mas também dos pesquisadores e, entre eles, o seu próprio (“Da história da favela à história dos conceitos que a definem”, pg.13).

Para mim, a discussão metodológica é também importante na medida em que penso que só se tem a possibilidade de ser um bom pesquisador se tratamos de temas que nos importam no mais alto grau. Urbanista de profissão, tornei-me antropólogo, e comecei a fazer pesquisa quando, aos 40 anos, tive uma espécie de vertigem ao constatar que não havia compreendido muita coisa de episódios graves da minha vida no momento em que os vivia: a guerra na Argélia; os engajamentos políticos na América Latina para os quais eu não estava nada preparado; a frontalidade das intervenções planificadoras dos engenheiros com os quais eu lidava na França, e que possuíam um grande poder sobre as ciências humanas. Como então tomar distância diante de tais condições de engajamento pessoal?<sup>8</sup>

Em 2001, por ocasião de uma conferência na EHESS<sup>9</sup> que intitulei “O aprendizado do olhar cruzado”, me foi solicitado falar destas implicações e de como construira minhas distâncias em relação ao [meu próprio] engajamento ao longo da minha vida de pesquisador. Para tratar do tema, me servi então dos meus próprios trabalhos e mais particularmente de um tema sobre o qual eu trabalhara vários anos (a história da hidráulica e dos profissionais ligados a essa área no sul da França),<sup>10</sup> que aparentemente não possuía nada em comum com a história da favela. Apontei, então, quatro tipos de abordagens e, uma das descobertas que eu fa-

**8** Nesse sentido, meu itinerário possui provavelmente alguma coisa comparável ao de um personagem citado no livro (Carlos Nelson Ferreira dos Santos), pela sua capacidade de se distanciar em relação aos dogmas e cuja resistência implícita, a autora sugere em uma nota de pé de página, que certamente deve ser associada ao fato de ele também ter se tornado antropólogo depois de, durante anos, ter sido urbanista.

**9** (N. T.) A EHESS—Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales/Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais desempenhou, desde o final dos anos 1970, um papel particularmente importante na análise dos discursos e na desconstrução do ideário e das práticas “coloniais” e eurocêntricas na França, tendo absorvido em seus quadros antropólogos, cientistas sociais e geógrafos que passaram a estudar o “outro” segundo uma perspectiva menos apriorística.

**10** “De la formation du regard dans les sciences humaines”, no seminário Ruralityes Contemporâneas, 1 de janeiro de 2001. Esta conferência foi reproduzida em espanhol em um livro editado no México por Michel Marié, *Las huellas hidráulicas en el territorio. La experiencia francesa*, com prólogo e tradução de Francisco Pena e Claudia Cirelli (Collegio de San Luis Potosi, junho 2004, 101 p).

ria, lendo a obra de Licia Valladares, é que não somente estas abordagens estavam presentes no seu texto, como eram elas a sua própria essência.

A primeira abordagem é a que eu chamava *trabalhar o diferencial de sentido que existe entre o discurso que se escuta e a realidade que se descobre*; em outras palavras, se servir da distância que se pode observar entre dois tipos de *realidade* para produzir seus questionamentos, aquela que é falada (ou escrita) e aquela que se percebe como pesquisador no trabalho de campo. Dominando muito mal meu tema no começo da pesquisa, esse gênero de abordagem se impôs rapidamente no meu caso, à medida que eu descobria que o saber naquela área estava nas mãos dos que projetam e produzem objetos técnicos (engenheiros hidráulicos e agrônomos), e que seus abundantes discursos – e o daqueles que elaboram suas hagiografias – não conseguiam responder ao que eu buscava, isto é: como as técnicas agem sobre os territórios e como, inversamente, os territórios agem sobre a produção das técnicas? Não é de se surpreender que meus primeiros avanços intelectuais tenham se produzido na zona de esquecimento do saber dos engenheiros.

No caso de Licia Valladares, parece que este tipo de abordagem foi mais tardio e aparece, historicamente, em um momento no qual as ciências sociais e a própria autora já possuem um importante saber. Mas, me parece que ela é central e determinante na produção dos seus principais questionamentos neste livro: se servir do trabalho sobre as representações para completar o trabalho de campo e, quando se começa a duvidar das representações dominantes, voltar ao trabalho de campo.

Uma segunda abordagem era aquela que eu definia como *trabalhar na longa duração e mais particularmente sobre os diferenciais das temporalidades*. Esta abordagem por meio da longa duração é tão importante que ela está presente no próprio título da obra: *La favela d'un siècle à l'autre*.

No meu caso, o uso da longa duração exigia um trabalho enorme, graças ao qual se podia dispor de algum meio para enfrentar o tempo dominante dos engenheiros e das figuras políticas, isto é, o tempo curto e médio do planejamento, do projeto, da construção e da legitimação das obras, reintroduzindo, assim, a dimensão essencial da qual eu falava anteriormente, e que estava totalmente ausente dos discursos, isto é, a

retroação do território e dos seus habitantes em relação às técnicas.

Para Licia Valladares, a longa duração serve não apenas de método para distanciar-se em relação ao que ela define como “dogmas”, mas permite ainda observar uma multiplicidade de tempos sociais e suas interrelações. Como fotógrafo, freqüentemente utilizei a imagem fotográfica para me explicar esta alquimia do *cruzamento dos olhares*. É trabalhando com os diferenciais de tempo que se fabrica a sua própria profundidade de campo. Sem dúvida, seria melhor ainda utilizar a imagem cinematográfica, porque ela introduz uma dinâmica na abordagem. É no *travelling*, no próprio movimento de trabalho com o tempo, com o entre-tempo dos diferentes períodos já consagrados pela história, que as ciências humanas produzem provavelmente o que elas têm de melhor a dizer.

A terceira abordagem é aquela que chamei de *trabalhar sobre e com a diferença “de espaço”*. Na minha vida nômade, eu, particularmente, a pratiquei quando não compreendia o que ocorria em um dado lugar. Nessas ocasiões, eu trocava então de terreno para analisar como uma experiência que comporta certos pontos de comparação – uma mesma geração, uma mesma origem cultural – poderia funcionar em um outro lugar e em outro contexto. Desse modo, para poder melhor compreender a hidráulica da região de Provence, por exemplo, iria observar o que acontecia do outro lado do rio Rhône, e descobria, comparando, o quanto o Canal de Provence, a despeito de suas origens importadas do mundo colonial, teve que se adaptar a seu novo território e se conformar aos valores locais de organização, o que não fazia parte de seu patrimônio de origem e que os vizinhos da região do Languedoc tampouco haviam sabido levar em consideração.

Essa maneira de explorar um tema por deslocamentos, a reencontrei permanentemente praticada, e com muita maestria, por Licia Valladares, que viajou muito pelo Brasil, Estados Unidos e Europa. Esta abordagem está, por exemplo, na origem de uma das passagens provavelmente das mais interessantes deste livro, em que mostra como a favela serviu de lugar de convergência entre duas correntes de pensamento: da Escola de Chicago (em uma época na qual ela era praticamente desconhecida na França) e o movimento fundado na França por volta da segunda guerra mundial pelo padre Lebret, *Economie et Humanisme*.

Por fim, a última forma de abordagem é a que consiste em *trabalhar o diferencial que existe entre o que a sociedade considera como suas margens e o que a margem diz do centro*. Comecei a falar deste gênero de abordagem, que eu e meus co-autores passamos a chamar “função-espelho”,<sup>11</sup> em um dos meus primeiros livros como antropólogo, quando tratamos a questão da imigração no *front* da urbanização da região parisiense. O papel desta “função-espelho”, localizo não somente em certos personagens tratados na obra de Licia Valladares, como, por exemplo, o arquiteto John Turner que, questionando o urbanismo e a prancheta, propõe a favela como resposta popular e eficaz (“a favela como solução e não mais como problema”); vejo também na própria maneira de se posicionar de Licia quando, rompendo com uma visão homogênea sobre a favela, mostra o quanto sua história é uma espécie de resumo da história das ciências humanas no Brasil.

## PAISAGEM ESTRANGEIRA. MEMÓRIAS DE UM BAIRRO JUDEU NO RIO DE JANEIRO

Fania Fridman

Ed. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2007

*Sarah Feldman*

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da USP/ São Carlos e pesquisadora do CNPq

Em seu novo livro – *Paisagem estrangeira. Memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro* –, Fania Fridman desvela a presença dos judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e os anos de 1940. Numa operação tão minuciosa quanto a que realiza em *Donos do Rio em nome do Rei. Uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*,<sup>1</sup> mostra que, ao longo de quase meio século, este grupo de imigrantes, ao mesmo tempo em que se misturou a escravos libertos, a prostitutas e a outros estrangeiros, pôs em evidência suas marcas no território.

<sup>11</sup> “Situations migratoires ou la fonction-miroir”, de T. Allal, J.P. Bufard, M. Marié, T. Regazzola, prefácio de Marié Michel, Ed.Gallilée, 1976.

<sup>1</sup> Publicado em 1999 por Jorge Zahar Editor/Editora Garamond, Rio de Janeiro.

O que distingue este trabalho da não desprezível bibliografia sobre imigrantes produzida no e sobre o Brasil<sup>2</sup> é o foco na dimensão urbanística. É em sincronia com os ciclos de intensas e sucessivas transformações, de valorização e de desvalorização simbólica e econômica do núcleo de origem da capital da República, que a autora situa a chegada, inserção e retirada dos judeus da Praça Onze e seus arredores. O duplo movimento – de mistura e de afirmação de identidade – se constrói através da narrativa das formas de organização social, religiosa e política da colônia judaica, amalgamada à narrativa das dinâmicas espaciais, dos projetos e das intervenções realizadas no centro do Rio de Janeiro, em geral, e nos arredores da Praça Onze, em particular.

A mistura de grupos culturalmente homogêneos, a mistura funcional e a mistura de diferentes categorias profissionais são qualificadas, quantificadas e espacializadas a partir de fontes primárias e secundárias, como leis, projetos, estatísticas e entrevistas com antigos moradores do bairro, que se constitui no final do século XIX por judeus de poucos rendimentos. Num contexto em que cerca de um terço da população carioca era composta por estrangeiros – com a chamada “Pequena África” dos negros, com a “Turquia Pequena” de sírios e libaneses, com os agrupamentos de italianos, espanhóis, ciganos, baianos e nordestinos –, os judeus compõem o novo perfil de moradores do espaço que no início dos novecentos havia assumido feições aristocráticas. Solares, repartições governamentais, museus, teatros e a circulação de carruagens são substituídos por carris urbanos, bondes e linhas ferroviárias, e por atividades representativas da densidade e intensidade do ambiente urbano: cortiços, indústrias, oficinas, escolas, mercados, bordéis, bilhares, botequins.

O novo ciclo se aproxima das características do local antes do surgimento da Praça Onze: espaço sem condições de higiene e habitabilidade, distante e desassistido, ocupado por irmandades de pobres negros, mulatos, portugueses e libertos. É neste território – segregado e estigmatizado como lugar de desordeiros,

<sup>2</sup> Os trabalhos de Michael Hall, sobretudo *The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914* (tese de doutorado, Columbia University, 1969), e “Approaches to immigration history” (em: GRAHAM, Richard e SMITH, Peter (org). *New approaches to Latin American history*. Austin: University of Texas Press, 1975), são referências obrigatórias sobre o assunto. Mais recentemente, um amplo painel da imigração estrangeira na cidade de São Paulo pode ser encontrado na “Série Imigração” (Editora Sumaré/ IDESP).